

MARCOS VINÍCIUS SILVA MAGALHÃES

**ARTE/EDUCAÇÃO EM HOSPITAL: UMA REFLEXÃO SOBRE AS
ESTRATÉGIAS DE ENSINO DAS ARTES VISUAIS NA CLASSE
HOSPITALAR**

Brasília – DF
2012

MARCOS VINÍCIUS SILVA MAGALHÃES

ARTE/EDUCAÇÃO EM HOSPITAL: UMA REFLEXÃO SOBRE AS
ESTRATÉGIAS DE ENSINO DAS ARTES VISUAIS NA CLASSE
HOSPITALAR

Trabalho de conclusão do curso de Artes
Plásticas, habilitação em licenciatura, do
Departamento de Artes Visuais do Instituto de
Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a Lisa Minari Hargreaves

Brasília – DF
2012

A Deus, o Artista Supremo, dedico esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, Criador e Artista pelo privilégio de conhecê-Lo e por poder receber Dele toda inspiração. À minha amada família, pela presença, incentivo e apoio. À família NVC, pela oportunidade de estarmos juntos, indo, buscando e aprendendo sobre O real motivo da nossa existência. À professora Lisa Minari, por realmente se comprometer com uma *pedagogia da ternura*. À professora Suzana, da APAE-DF, por contribuir para as reflexões de ensino das artes visuais na educação especial, sendo motivo da minha admiração. À professora Adriana Arantes, por contribuir de forma tão significativa para a construção desse trabalho. A todos aqueles que estiveram presentes, de uma forma, ou de outra, ao longo da minha trajetória na Universidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: SEMENTES.....	6
1. ARTE/EDUCAÇÃO E CLASSE HOSPITALAR.....	8
2. CLASSE HOSPITALAR: UMA REALIDADE NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO.....	15
3. UMA REFLEXÃO SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO DAS ARTES VISUAIS EM HOSPITAL.....	20
CONCLUSÃO: TERRENO FÉRTIL.....	27
FOTOGRAFIAS.....	29
REFERÊNCIAS.....	36

INTRODUÇÃO: SEMENTES

Na contemporaneidade, o hospital é reconhecido como um lugar propício para a realização dos propósitos educacionais. Nos novos desafios de se pensar e fazer educação, professores se veem na articulação de estratégias educacionais que dialogam com a realidade dos alunos.

A arte/educação se volta, hoje, para a proposição de um ensino sensível aos alunos, que não se preocupa com a reprodução dos mecanismos tradicionais de ensino, mas que considera as reais necessidades e vivências dos estudantes, mediante o conhecimento da sociedade e da sua cultura.

Por meio desses desafios, oriundos do mundo contemporâneo, a prática docente considera a importância de fatores motivacionais nos percursos educacionais. Dentre eles, um dos mais importantes é o fator social, no qual as relações sociais configuram uma ação propulsora da aprendizagem e do desenvolvimento humano, conforme considera a teoria histórico-cultural de Vygotsky. A educação, nesse sentido, se estrutura por meio dessa relação, sendo esta um importante fator do ensino no ambiente hospitalar.

É baseado nessa relação humana, e sensível da prática educativa que o trabalho é concebido. Sob a reflexão de que a arte/educação pode se fazer presente em lugares “outros”, que não são necessariamente a sala de aula, o hospital surge como um local provável de se realizar a educação. Aqui, esse “novo” espaço é denominado de *classe hospitalar*.

Ao ser tecido pela articulação da legislação brasileira, pelos teóricos da educação que permeiam o ambiente hospitalar e pelo estudo do ensino das Artes Visuais na contemporaneidade, o presente trabalho foi estruturado de modo a refletir sobre a possibilidade do desenvolvimento da arte/educação no hospital. É no pensamento baseado na diversidade e riqueza do ensino nesses espaços é que a arte/educação pode ser estabelecida. Como um vínculo maior de aproximação a esse contexto, o Hospital Universitário de Brasília (HUB) se tornou um lugar de visitação. Onde a realidade do hospital e o diálogo com a professora responsável pela classe hospitalar se tornaram o objeto de reflexão.

Desse modo, o reconhecimento do caráter multifacetado da educação torna-se um dos maiores desafios para o arte/educador, uma vez que está em atuação uma pluralidade de necessidades sociais e culturais. Logo, esses aspectos podem se tornar um ponto de articulação das propostas educativas no hospital, considerando os aspectos da diversidade, os quais constituem a condição humana.

É a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno. A educação deverá ilustrar este princípio de unidade/diversidade em todas as esferas (MORIN, 2011: 50).

Assim, a propósito de se pensar em uma educação preocupada com os desafios do presente, e do futuro, a organização do ensino precisa estar voltada para uma relação que acontece lado a lado com o aluno, tal como considera Luiz Schettini Filho (2010) ao refletir sobre uma *pedagogia da ternura*.

É nessa dimensão que iniciamos o trabalho. Nas estratégias de ensino das artes visuais em hospital não existe um ponto final. Semeamos ideias, reflexões, de modo a potencializar a aproximação do arte/educador com as reais necessidades da educação.

1 ARTE/EDUCAÇÃO E CLASSE HOSPITALAR

A educação, na atualidade, necessita voltar-se para os novos modelos de ensino e aprendizagem, os quais se baseiam no conhecimento significativo das características e potencialidades dos alunos. Diferentemente de um viés positivista e tradicional da educação, no qual o professor é o único agente de propagação da informação, e que a ciência se torna a única responsável por dar sentido à vida dos indivíduos, a educação necessita estar voltada para as novas formas e possibilidades de construção do conhecimento.

Os tempos mudaram e o processo educacional precisa ser construído numa relação que acontece lado a lado com o aluno. Ao compreendermos que o ambiente educacional acontece em lugares “outros”, que não são só a sala de aula, transformamos as maneiras de encarar o processo de aprendizagem. A partir dessa premissa, na medida em que se conhecem as especificidades dos alunos, estratégias são traçadas de modo a alcançar os objetivos educacionais.

As artes visuais, enquanto um campo do saber, precisa considerar essa nova realidade de forma que o percurso didático esteja coerente com o contexto dos alunos. O arte/educador, como um “ser” sensível, necessita estar atento não só à maneira de organizar a sua aula, ele precisa estar atento às novas relações que os alunos podem estabelecer com o conhecimento. Esse processo de organização se refere aos recursos teóricos e práticos que serão adotados, bem como a contextualização de tais recursos com a realidade dos estudantes.

Nessa perspectiva, a aula precisa estar imbuída de um espírito sensível, crítico e flexível, uma vez que o conhecimento se dá mediante a multiplicidade de relações entre os conteúdos e as experiências cotidianas que surgem ao longo do percurso educacional. Essas vivências são bagagens de vida, as quais correspondem às experiências individuais, às impressões sociais pessoais, bem como ao contexto cultural das comunidades do qual os indivíduos fazem parte. Os alunos, ao estarem envolvidos com a aula, se deparam com as suas experiências, como se quisessem, de alguma forma, fazer com que aquele conhecimento faça sentido a partir de suas vivências. É comum ouvirmos relatos de experiências cotidianas, bem como a impressão que os alunos possuem dos objetos de arte. Aqui, conexões são estabelecidas. O que frequentemente determina a qualidade dessas relações é a forma que tais experiências são consideradas e trabalhadas pelo professor.

Na premissa de que o conhecimento é estabelecido por meio de tais relações, a aprendizagem significativa pode ser considerada como uma consequência da disposição do

aluno em estabelecer conexões a partir de seus interesses e necessidades. Assim, na abordagem significativa de Ausubel (apud IAVELBERG, 2003), o aluno atribui significado ao que aprende na medida em que se relaciona com as informações do contexto em que vive. Entretanto, para que isso aconteça, o aluno precisa se sentir motivado quanto ao “uso” dos saberes.

Tais considerações são responsáveis por traçar estratégias educacionais que consistem em considerar o contexto do discente. O sucesso desse processo torna-se possível quando nos aproximamos do aluno. Tentar compreendê-lo é dar valor e sentido às suas experiências. Nesse ponto de vista, as artes visuais, como possibilidade educativa, assume o compromisso de, não só valorizar a experiência do aluno, mas a comunidade e a cultura na qual ele está inserido. Ao privilegiar as vivências do indivíduo atribuímos valor a ele, reconhecendo sua singularidade, um ser que é único, e por fim, especial. Dessa forma a prática docente se humaniza quando há disposição para ouvir. Quando exercitamos nossa capacidade de ouvir, nosso diálogo se torna coerente e as relações humanas não se distanciam, se tornam estreitas e intensas. Assim, a arte no cenário educacional se torna significativa para os alunos.

Nas palavras de Aurora Ferreira (2010: 14):

A arte capacita o homem para compreender a realidade, e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana, e seu principal objetivo é estimular o desenvolvimento da expressividade e, em consequência, do potencial criativo.

O exercício do ensino da arte necessita acontecer de forma consistente, no que diz respeito a uma sistematização do ensino voltado para o contexto dos alunos e que alcance os reais objetivos educacionais. Assim, o aluno poderá vivenciar uma experiência singular, podendo potencializar o seu diálogo com o mundo¹.

Em consonância com a nova e enriquecedora realidade educacional, sob o desdobramento da sua pesquisa de doutorado, Flavia Maria Cunha Bastos (In BARBOSA, 2010), que ensina na Universidade de Cincinnati, em Ohio, atribui à ligação entre arte e vida cotidiana como sendo a base de uma arte/educação democrática. Nesse novo olhar sobre o fazer da arte/educação, nossos percursos didáticos necessitam ser orientados por meio do conhecimento e aproximação com a realidade do aluno, bem como em suas especificidades

1. A propósito, aqui, a arte pode ser considerada como a “fala” que o aluno estabelece com o mundo, porém, sua voz só é possível de ser ouvida na medida em que o educando entende que ele pode estabelecer um vínculo mais íntimo com a linguagem da arte.

educacionais, as quais estão voltadas para o fator holístico² do desenvolvimento.

Nos novos desafios que surgem na atualidade, bem como nas novas oportunidades de se conhecer o aluno, surge um *locus* especial de ensino, a *classe hospitalar*. Essa categoria de ensino se configura dentro do contexto da educação especial. O ensino da artes visuais inserido nesse contexto é desafiador, e, ao mesmo tempo, exige do educador uma postura consciente e “apaixonada” pela sua prática.

Segundo o documento que estrutura as ações públicas de organização do sistema de atendimento educacional em ambientes hospitalares elaborado pelo Ministério da Educação através da Secretaria de Educação Especial:

Denomina-se classe hospitalar o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental (2002: 13).

Sobre o público envolvido nesse tipo de atendimento, o documento acerca da classe hospitalar considera que:

O alunado das classes hospitalares é aquele composto por educandos cuja condição clínica ou cujas exigências de cuidado em saúde interferem na permanência escolar ou nas condições de construção do conhecimento ou, ainda, que impedem a frequência escolar, temporária ou permanente (BRASIL, 2002: 15).

Assim, quando o hospital se torna o lugar de desenvolvimento cognitivo e criativo, ele precisa ser reconhecido como um lugar de resignificação. O hospital, em sua origem histórica, possuía um caráter essencialmente assistencialista e, por fim, atribuía aos seus usuários características de segregação e exclusão. Também a escola, em seus primórdios, se vincula a uma instituição de segregação e disciplinarização dos alunos³. Hoje, ambas as instituições se voltam para a consolidação de ações que defendem o direito de todos os cidadãos. Escola e hospital são, hoje, espaços fecundos de experiências.

“Segundo Vasconcelos (2006), os primeiros ensaios de intervenção escolar em hospitais ocorreram na França em 1935, posteriormente expandidos para Alemanha e Estados Unidos” (apud AROSA e SCHILKE, 2008: 23). Esse tipo de atendimento cresceu, consideravelmente, após a Segunda Guerra Mundial, quando alguns países da Europa receberam crianças vítimas desse conflito.

2. No que se refere a uma compreensão integral do indivíduo.

3. No documentário *Filósofos e a Educação – Foucault*, produzido em 2009, segundo a perspectiva de Foucault (apud GALLO, 2009), a escola, sob uma relação de *poder*, se utiliza de instrumentos que são responsáveis por “lapidar” os sujeitos.

No Brasil, as escolas nos hospitais existem desde 1950 e são mantidas até hoje. Foi no Hospital Jesus, no Rio de Janeiro, onde aconteceu a primeira ação educativa no hospital que se tem notícia, em 14 de agosto de 1950. Esse serviço foi estendido, anos mais tarde, para o Hospital Barata Ribeiro, mas sem nenhum vínculo ou regulamentação junto à Secretaria de Educação, conforme afirmam Armando C. Arosa e Ana Lúcia Schilke (2008). De modo a legitimar esse tipo de serviço, os diretores dos dois hospitais procuraram o órgão responsável do antigo Estado da Guanabara. Dessa articulação surgiu o vínculo da atividade educativa hospitalar com a Secretaria de Educação, passando a ser conhecida por “Classe Hospitalar”.

A promulgação da Constituição Federal de 1988 vitalizou a consolidação da classe hospitalar, uma vez que ela está ligada aos movimentos em favor dos direitos da criança (sobretudo da criança deficiente), como parte do movimento de redemocratização⁴.

Reconhecendo essa realidade, e o modo em que as escolas nos hospitais têm se destacado no cenário educacional global, o hospital pode ser reconhecido como um espaço legítimo para a atuação do arte/educador. Armando C. Arosa e Rosana Ribeiro (In AROSA e SCHILKE, 2008) admitem a importância do envolvimento de todos os atores da comunidade escolar de modo a impulsionar no ambiente hospitalar um cenário educacional emancipador. A classe hospitalar tem como objetivo promover o acompanhamento curricular do aluno. Cabe ressaltar que sua função é de dar continuidade ao percurso educacional e promover junto a escola um currículo flexibilizado o qual proporcione o alcance dos objetivos educacionais dos estudantes.

Esta modalidade de atendimento é reconhecida pela legislação brasileira como o direito à continuidade da escolarização às crianças e adolescentes hospitalizados, bem como é expressa, de forma implícita, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que toda criança e adolescente disponha de oportunidades para que o seu processo de desenvolvimento e aprendizagem não seja interrompido. Segundo Eneida Simões da Fonseca (2008) a existência do atendimento educacional no hospital assegura a continuidade de tais processos.

4. “Parte desse processo se reflete, ainda, na edição da Resolução nº. 41. de 31 de outubro de 1995 – CONANDA (Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente) – que dispõe sobre os amplos direitos da criança e do adolescente hospitalizados. Neste instrumento, a ação educativa hospitalar ganha mais força e visibilidade, aparecendo no cenário nacional com status de obrigação legal. Isto coloca a ação educativa no hospital como parte de uma série de transformações pelas quais o Brasil vem passando na tentativa de colocar a educação e a saúde como direito de todos/as cidadãos/ãs. Esse texto prevê que toda criança hospitalizada tem direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde e acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar” (AROSA e SCHILKE, 2008: 24).

Ambientes educacionais existem fora da escola e precisam ser alcançados pelo arte/educador. Existe aqui uma especificidade muito maior, porém, sugestiva na práxis educacional, pois ela dá margem para um trabalho muito mais intenso e significativo no contexto das artes visuais, uma vez que a prática educativa no hospital sugere um diálogo intenso com o aluno e com o seu contexto, bem como no envolvimento com o lugar em que essa prática educativa acontece.

A realidade específica do hospital pode ser responsável por gerar temas importantes a serem trabalhados com os alunos, existindo, também, circunstâncias específicas que irão determinar o trabalho do professor. “Em outras palavras, estar atento a como as relações se dão no ambiente hospitalar é fator pertinente e importante para aqueles que se interessam pelo atendimento pedagógico-educacional hospitalar” (FONSECA, 2008: 24). Mais que a dinâmica da própria instituição de saúde, e os cuidados que se deve ter, o profissional da educação em artes deve prezar pela integridade criativa do aluno. A criatividade é entendida nesse sentido como uma agente propulsora das ações do humano. É a capacidade de pensar e imaginar que faz do homem um “ser humano”.

As artes visuais no ambiente hospitalar se torna a matéria viva das emoções e pensamentos outrora presos às camas do hospital⁵. “A ligação com o fazer estético intensifica a experiência, reestruturando e libertando os objetos de uma visão rotineira. Com a arte abrimos os sentidos para novas experiências” (SIMAS, 2012: 19).

Tratar o aluno na sua especificidade é considerar suas vivências, nesse caso, reconhecendo também suas vivências no hospital. Não é tratar a realidade hospitalar como um momento passageiro e momentâneo⁶, mas é considerar essa “nova” realidade como parte integrante da vida e da existência humana. A arte é um campo do conhecimento que precisa ser trabalhado de forma cautelosa para não cairmos no sentido restrito de “terapia”⁷. A

5. Quem poderia imaginar que pudesse existir em um hospital produções consistentes em artes? Quão grande responsabilidade temos que exercer!

6. Não cabe a nós, educadores, tais atribuições. Existem circunstâncias específicas de tratamento, internação e procedimentos, os quais são determinados pela equipe médica do hospital. O educador que reconhece o hospital como um lugar de trânsito deve se posicionar de forma a cumprir o seu papel, sua presença ali não pode se confundir com um profissional da saúde, os quais são os únicos responsáveis por determinar o diagnóstico da doença, bem como os procedimentos viáveis para o tratamento, ou controle da enfermidade.

7. Segundo Aurora Ferreira, “a arteterapia é entendida como uma técnica que une arte e psicologia” (2010: 16), sendo conhecida como um método de tratamento para o desenvolvimento pessoal. Diferentemente, esse método não se relaciona com os objetivos e propósitos curriculares da arte/educação. O processo essencialmente terapêutico pode promover uma concepção restrita e limitada do fazer artístico.

produção artística como um fim em si mesma não deve ser o foco da classe hospitalar. O pensamento e a postura crítica precisam circular livremente nesses processos de produção. Assim, cabe ao arte/educador exercer uma articulação consciente dessa prática.

A preocupação maior não deve estar em “formar” artistas, mas em mostrar a possibilidade de resignificar de forma criativa nossas vivências por meio das experiências com a realidade. Valorizá-las. Não desconsiderá-las.

Ao atribuir valor às experiências, é relevante pensarmos no conceito de saúde. Considerar que esse conceito não envolve somente integridade física, mas também qualidade emocional, social e espiritual. Saúde é qualidade da totalidade da vida. Albertina Mitjans considera que “hoje, a saúde é definida não pela ausência de doença ou pela ausência de sintomas, mas por características específicas, relacionadas não só com a condição biológica, mas com a condição subjetiva e sócio-histórica do homem” (In VIRGOLIM, 2007: 58). O ensino da arte nesses espaços precisa se preocupar com esse tipo de qualidade. Uma relação íntima e crítica com a linguagem artística pode trazer à vida do aluno uma comunicação eficaz consigo e com o mundo. Acerca da problematização do conceito e da temática da saúde, em um âmbito ainda maior, cabe enfatizar a colocação de Armando C. Arosa e Rosana Ribeiro:

A discussão sobre saúde precisa entrar definitivamente na escola e fazer parte de seu currículo para que se efetivem ações consistentes e relevantes para o cotidiano de crianças, jovens e adultos atendidos pelos sistemas educacionais. A saúde não é responsabilidade exclusiva do setor da Saúde e deve se articular com outras políticas sociais, pois pode ser entendida como um importante recurso para o desenvolvimento pleno do indivíduo e da comunidade. Sendo assim, a elaboração e a execução de ações em saúde na escola exigem de todos os envolvidos a interação, a participação, o diálogo e a reflexão que possam subsidiar a análise dos principais problemas e necessidades, com propostas de soluções em conjunto. Parte-se, portanto, do pressuposto de que é importante reunir todos os atores da comunidade escolar para, a partir de como se percebe a saúde e como ela está relacionada a diversos outros fatores do cotidiano de suas vidas, a temática possa fazer parte do currículo escolar (In AROSA e SCHILKE 2008: 84).

Pode se pensar nas estratégias de ensino das artes visuais dentro do hospital a partir de uma relação crítica e criativa de aspectos importantes envolvidos na temática da saúde. Por ser um tema transversal da educação⁸, a saúde envolve integridade e qualidade da criatividade, sendo uma ponte para articular uma proposta multidisciplinar da educação.

A arte/educação, como prática do atendimento educacional no hospital, deve

8. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) articulam temas geradores para a compreensão da realidade social, dos direitos dos cidadãos e da responsabilidade pessoal, social e ambiental. Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação Sexual compõem os Temas Transversais.

promover, portanto, a experiência educacional mediada pelo currículo⁹. Ao mesmo tempo, a potencialidade criativa deve ser trabalhada, lembrando sempre da multiplicidade de vivências e de relações com o conhecimento que surgem ao longo do percurso da aprendizagem.

O hospital é um lugar onde as diversidades se encontram, as bagagens de vida estão presentes a cada situação. Ali, histórias e experiências ajudam a tecer a complexidade dos pacientes, oportunizando ao educador, assim como ao seu alunado, viver a diversidade da comunidade. “E na articulação constante de tantos e diferentes fatores pertinentes à clientela hospitalizada, tem-se vivido na prática um exemplo de atenção à diversidade (FONSECA, 2008: 14).”

Levando-se em consideração a multiplicidade de experiências oriundas do hospital, a prática escolar no ambiente hospitalar deve se configurar mediante uma perspectiva multidisciplinar, na qual o diálogo entre os diferentes profissionais contribuem significativamente para que a criança e o adolescente hospitalizado, ambos cidadãos de direito, se desenvolvam ao longo do seu curso de aprendizagem.

Em um cenário onde se reconhece a importância da promoção de uma ação educativa de emancipação, a arte/educação precisa se posicionar de forma significativa frente aos novos desafios educacionais.

9. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Básica e Ensino Médio do Distrito Federal, o currículo pode ser entendido “como um conjunto de atividades sistemáticas de ensino-aprendizagem que visam a atender aos objetivos e princípios previstos para a educação escolar” (2008: 6).

2 CLASSE HOSPITALAR: UMA REALIDADE NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

Encontra-se no Hospital Universitário de Brasília (HUB) um lugar propício para a circulação da prática da pesquisa e da ação reflexiva em prol da saúde da comunidade. Ali se encontram profissionais que consideram sua prática como um processo em constante construção, assim, a cada nova oportunidade de compartilhamento de experiências e ideias, esses profissionais permitem-se reconstruir, do mesmo modo em que enriquecem e contribuem para a pesquisa em andamento.

De modo a estabelecer uma relação mais íntima com a realidade, este trabalho foi permeado pelas conversas, visitas e observações feitas no HUB. Nesse sentido, de modo a garantir a qualidade da pesquisa, a Pediatria Clínica se tornou um ambiente ainda mais específico dentro do hospital. No HUB, a classe hospitalar acontece na Pediatria Clínica e na Pediatria Cirúrgica, onde, nesses espaços, as especificidades do atendimento educacional são bem diferentes. Cada setor conta com uma pedagoga responsável e sua equipe de auxiliares. A professora Adriana Arantes é a responsável pela classe hospitalar da Pediatria Clínica, e é a responsável pelas contribuições feitas ao longo do trabalho. A diferença entre esses dois setores é estabelecida, também, pela singularidade encontrada em cada tratamento de saúde. Geralmente, na Pediatria Clínica o tempo de internação acontece por mais tempo, sendo ocasionada pelas doenças crônicas, diferentemente do atendimento realizado na Pediatria Cirúrgica, a qual, aqui, não estará relacionada ao nosso objeto de reflexão.

A Pediatria Clínica recebe desde recém nascidos a jovens de 18 anos de idade. Segundo a professora Adriana, o atendimento educacional acontece mediante a rotina estabelecida pelo próprio hospital, uma vez que antes da organização das atividades pedagógicas as professoras têm acesso a uma listagem com os nomes de cada paciente, sua respectiva idade, enfermidade e o quarto em que estão internados. Essa lista é solicitada ao início de cada rotina por todos os profissionais que trabalham na Pediatria Clínica e ajuda a otimizar a prestação dos serviços.

Em consideração à rotina hospitalar, e à sua especificidade, é mais difícil pensar em um atendimento mediado pelo currículo escolar no momento em que os pacientes estão recebendo a sua medicação. Nesse contexto, é preciso estar atento às condições dos alunos, bem como nas variáveis que interferem na vontade do aluno de querer estudar, conforme afirma a professora. Nesse sentido, o atendimento pedagógico, mediado pelo currículo, acontece no período vespertino, sendo que no período da manhã os alunos se dedicam às

atividades lúdico-pedagógicas¹⁰, nas quais as práticas se adequam às condições em que se encontram os pacientes. Devido ao período intenso de procedimentos médicos e o consequente estresse que sofrem os pacientes, no período da manhã as atividades lúdicas¹¹ encontram maior aceitação. Cabe nesse contexto considerar a afirmação de Eneida Simões da Fonseca:

Em geral, as escolas hospitalares funcionam no horário da tarde, o que evita possíveis tensões com a rotina médico-hospitalar que tende a ser mais intensa no período da manhã, quando acontecem as rondas médicas, muitos dos exames e decisões quanto ao tratamento e a alta dos pacientes (2008: 45).

O atendimento curricular organizado na classe hospitalar da Pediatria Clínica do HUB é baseado no contato que é estabelecido com a escola de origem do aluno. Porém, muitas escolas se negam a oferecer tais informações, pois, segundo Adriana, elas atribuem somente a elas mesmas o cumprimento dos currículos educacionais. Mediante essa realidade, é preciso reconhecer que a classe hospitalar não pode ser encarada como uma substituição do “lugar” de ensino. Ela é, antes, um lugar que visa promover a continuidade desses serviços, contribuindo para que o estudante seja reinserido no ambiente o qual estava habituado: sua escola, suas vivências cotidianas. Nesse contexto, a realidade da classe hospitalar é garantida por lei e não pode ser negligenciada pelas escolas.

Segundo a professora Adriana, as tentativas de entrar em contato com a escola de origem dos alunos nem sempre acontecem de forma eficaz. O Hospital Universitário é um lugar de atendimentos especializados e é reconhecido por sua qualificação. Dessa forma, o HUB recebe pessoas de vários estados, as quais, muitas vezes, permanecem por muito tempo hospitalizadas. A distância na maioria dos casos é o maior empecilho para que o currículo da escola de origem chegue até o aluno. Além da dificuldade de comunicação, muitas escolas não entendem os objetivos da classe hospitalar, e assim, muitos alunos permanecem no hospital sem receber um atendimento educacional sistematizado. Muitas crianças e adolescentes necessitam permanecer por muito tempo no hospital, onde, geralmente, encontram-se defasadas quanto ao seu processo de desenvolvimento, e as responsáveis pela classe hospitalar encontram dificuldades em estabelecer um currículo escolar adequado

10. As atividades lúdico-pedagógicas são agentes importantes para o desenvolvimento da criança e do adolescente, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento das potencialidades cognitivas.

11. Nesse sentido, as atividades voltadas para o “brincar” se configuram como uma das mais importantes atividades lúdicas.

devido à dificuldade de dialogar com a escola.

Quando a escola se prontifica a manter o diálogo com a classe hospitalar, existe por parte das instituições de ensino um “juízo de valor” sobre as disciplinas que serão abarcadas dentro da proposta da classe hospitalar. Em geral, as disciplinas de Português e Matemática são as mais valorizadas para o atendimento educacional no hospital. Por meio de tais situações, é possível supor que as escolas de origem da maioria dos alunos que se encontram em situação de internação não compreendem, ou talvez negligenciem, as possibilidades de desenvolvimento global que os alunos podem adquirir, uma vez que as propostas de educação não podem estar limitadas a uma visão unilateral do seu alunado, e sim, na sua formação para a totalidade da vida. Nesse sentido, o caráter multidisciplinar da educação pode se comprometer, conjuntamente com a classe hospitalar, em propor e realizar tais propostas.

São inúmeras as variáveis que surgem durante a rotina da classe hospitalar no HUB, porém, percebe-se uma constante preocupação em repensar essa práxis no hospital. As professoras se organizam semanalmente para avaliar o trabalho que vem sendo realizado de modo a refletir e contribuir para a eficácia dos objetivos educacionais. Segundo a professora Adriana, é muito importante que exista o diálogo entre os profissionais da educação, bem como a troca de experiências e expectativas de cada um. Esse processo de reflexão e avaliação da prática educacional pode ser considerado, segundo ela, como uma forma de promover a formação continuada dos professores.

Ao longo do seu percurso na classe hospitalar a professora Adriana tem se deparado com necessidades específicas de atendimento. Dentro de um processo educacional deve-se considerar as especificidades de cada aluno e reconhecer que cada sujeito possui necessidades e expectativas diferentes. No hospital, essa realidade é ainda mais acentuada, uma vez que cada aluno, além de suas necessidades educacionais específicas possui, ainda, uma doença específica. O professor, consciente dessas características, é o responsável por estruturar o atendimento educacional e promover sua eficácia. Nesse sentido, esse atendimento pode ser realizado tanto no espaço da classe hospitalar¹², como no próprio leito do aluno. Além desse cuidado, o professor deve-se preocupar em ver e ouvir o seu estudante, uma vez que nem sempre ele pode ou quer participar desse tipo de atividade. Para a professora Adriana esse é

12. No contexto específico do Hospital Universitário de Brasília, a classe hospitalar possui um espaço próprio, o qual possui os recursos mínimos necessários para as atividades escolares e lúdico-pedagógicas. É importante ressaltar que o atendimento escolar pode acontecer tanto no espaço da classe hospitalar, como no próprio leito dos alunos, dependendo das condições em que os pacientes se encontram.

um cuidado importante a ser tomado, pois mostra o quanto conhecemos e respeitamos o nosso aluno.

A avaliação e o conhecimento que o professor possui da práxis educacional é o fator propulsor para que o aluno se identifique dentro da proposta educativa e se sinta, do mesmo modo, respeitado.

A complexidade do aluno da escola hospitalar não deixa de assemelhar-se à complexidade que encontramos no alunado da escola regular. Mas, para o aluno hospitalizado, as relações de aprendizagem numa escola hospitalar são injeções de ânimo, remédio contra os sentimentos de abandono e isolamento, infusão de coragem, instilação de confiança no seu progresso e em suas capacidades. E a qualidade das aulas vai ao encontro do quanto atendem às necessidades e interesses enquanto vivenciando o período de hospitalização. É a criança ou o adolescente doente quem sinaliza quando precisa descansar ou quando se sente enfraquecido. Por outro lado, também sinaliza quando necessita de maior estímulo e de novas convocações ao desejo de saber, de aprender e de recuperar-se (FONSECA, 2008: 34).

É imprescindível conhecer a estrutura do espaço hospitalar, bem como estar sensível às demandas e interesses daqueles que atuam de modo prático por muito tempo, pois estes conhecem e vivenciam a realidade desse atendimento específico e se empenham para promover a concretização dos direitos de crianças e adolescentes na busca de uma sociedade equânime. Assim, a professora Adriana considera a necessidade de promover a articulação de um currículo sensível à realidade dos estudantes, cuja maior preocupação não é a propagação de uma “educação bancária”, como critica Paulo Freire, e sim uma educação que busca estar coerente com uma aprendizagem significativa, a qual reconhece o sujeito como ser legítimo, autônomo e crítico dentro do seu contexto.

Nesse aspecto, encontra-se a necessidade da “construção” de um currículo que aconteça dentro da classe hospitalar, um currículo que otimize as atividades educacionais enquanto o diálogo com a escola é estabelecido, uma vez que se deve considerar que esse diálogo nem sempre acontece, e se acontece, o tempo de resposta, às vezes, é superior ao tempo em que o aluno permanece hospitalizado.

Outro fator a considerar é a diversidade do público a ser atendido. A dinâmica de “entrada e saída” dentro do hospital, bem como a diversidade de faixas etárias é uma problemática dentro do contexto educacional. Porém, essa realidade não pode ser vista como uma barreira na articulação do currículo, ela pode ser, antes, um fator motivacional para a construção de trabalhos futuros. Pensar dessa forma é pensar em uma sociedade de inclusão, pois o que está em jogo é a concretização da qualidade dos direitos.

Uma perspectiva de trabalho que busca estruturar atividades curriculares é um processo gradual, pois estarão envolvidos processos de ajuste, reflexão e resignificação. O

desenvolvimento de um trabalho curricular, conforme afirma a professora responsável pela classe hospitalar, é um trabalho no qual deverão estar envolvidas as várias ciências do conhecimento, uma vez que esse tipo de atividade deve ser desenvolvida levando-se em consideração os conceitos específicos dentro de cada área do conhecimento. Assim, é no diálogo entre os vários campos da ciência que deverá ser estruturado o trabalho curricular. Numa perspectiva holística do desenvolvimento, as estratégias de aprendizagem a serem traçadas se tornam coerentes com a diversidade de interesses e necessidades dos sujeitos.

Aqui, a arte encontrará um lugar ainda mais específico para a sua atuação, podendo ser reconhecida, conforme afirma Herbert Read (2001), como sendo “a base da educação”. O currículo de Artes Visuais dentro da classe hospitalar deverá andar lado a lado com os demais currículos disciplinares, buscando-se trilhar um caminho multidisciplinar em direção a uma educação emancipadora. Na premissa de que existem variáveis específicas no atendimento educacional hospitalar, a arte, no seu viés educacional, precisa sistematizar sua ação mediante a elaboração e reflexão de estratégias que alcancem a realidade da educação nos sistemas de saúde.

3 UMA REFLEXÃO SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO DAS ARTES VISUAIS EM HOSPITAL

O exercício da observação pode ser considerado a espinha dorsal de qualquer ação educativa. Pesquisar também envolve a construção de um olhar treinado para a prática da observação. A elaboração de atividades que objetivem atender educacionalmente o aluno hospitalizado parte do princípio de conhecer suas reais necessidades e interesses. Sob essa perspectiva, a prática da observação pode ser considerada uma agente propulsora das práticas educativas. “O professor da escola hospitalar deve treinar-se para observar” (FONSECA, 2008: 41).

Como fator primordial para a definição das propostas educacionais no hospital, o arte/educador necessita dirigir o seu olhar para a prática da observação. Ao mesmo tempo em que o educador se dedica a exercitar o seu olhar, participa ativamente dessa “nova” realidade.

O hospital reconhecido como um espaço de se fazer educação exige do professor uma postura sensível frente aos novos desafios educacionais. As atividades da classe hospitalar precisam considerar a especificidade do funcionamento que é característico do hospital¹³. Nesse espaço, a rotina médica necessita ser um objeto de atenção do educador. Salientamos mais uma vez que a classe hospitalar deve contribuir para que o aluno ainda esteja inserido no seu processo normal de aprendizagem e desenvolvimento, contribuindo, sobre maneira, para o trabalho dos médicos e enfermeiros. Um olhar atento sobre esse “novo” espaço pode ser responsável por configurar estratégias que estejam em concordância com o espaço e o sujeito nele inserido.

O ensino das artes visuais pode encontrar, no hospital, um espaço significativo para a sua prática. Ao considerar o processo criativo como uma ação inerente ao ser humano, tal como considera a teórica e artista plástica Fayga Ostrower (2010), fatores motivacionais sociais e ambientais devem entrar em cena de modo a reconhecer tais potencialidades. A criatividade se vincula a um processo pelo qual o indivíduo reformula sua realidade, mediante a reestruturação de si, a partir da sua auto-consciência e do conhecimento do contexto em que está inserido, sendo, nesse aspecto, um processo que deve circular na prática educativa no hospital.

13. Essa especificidade está voltada para a própria rotina hospitalar, a qual está relacionada aos procedimentos médicos.

É comum vermos nas escolas projetos artísticos que consistem em valorizar o trabalho dos alunos, exemplo disso é a realização de exposições de arte abertas para o público. Nesses eventos, pais, alunos, professores e toda a comunidade local têm a oportunidade de visitar e comentar sobre os trabalhos que foram produzidos. Esse contexto pode constituir um fator motivacional favorável para gerar indivíduos criativos e conscientes do seu papel social e cultural em suas comunidades, uma vez que situações como essa se configuram por intermédio das relações sociais, um importante fator para a promoção do desenvolvimento, conforme afirma a teoria histórico-cultural de Vygotsky (In CARRARA, 2004).

O processo de hospitalização, ainda que de forma passageira, faz parte da realidade do discente. Semelhantemente, o hospital se torna a comunidade na qual o aluno participa, podendo atuar de forma consciente e efetiva. Ao considerar as especificidades do ambiente hospitalar, o professor de artes visuais pode mobilizar a exposição dos trabalhos feitos pelos próprios alunos. Ao participar de tais atividades o aluno pode se sentir parte significativa do hospital, ao mesmo tempo em que estimula sua auto-estima e confiança no desenvolvimento das atividades. Sob esse contexto são conhecidos relatos da equipe médica, a qual acabava por reconhecer e considerar a importância da presença do desenvolvimento educacional no constructo da saúde¹⁴.

Em visita a uma unidade da Rede SARAHA de Hospitais de Reabilitação, em SARAHA - Brasília, foi possível perceber, graças a colaboração de toda a equipe do hospital, o impacto de um ensino de arte efetivo e significativo. Percebe-se em todo o hospital a presença de um arte/educador. As vivências no hospital são permeadas pelas produções artísticas realizadas pelos próprios pacientes. Além de uma cuidadosa concepção arquitetônica, a instituição conta com a exposição de desenhos e pinturas expostos em cada ala hospitalar. Os trabalhos receberam um tratamento especial, em cada obra exposta foi colocada uma moldura, mostrando o cuidado da professora pelos trabalhos dos alunos, bem como a preocupação de que aqueles trabalhos foram, e são, elementos importantes de composição do ambiente hospitalar.

O trabalho que vem sendo desenvolvido na unidade SARAHA – Brasília tem sido

14. É imprescindível, nesse sentido, estabelecer um vínculo de maior aproximação com a equipe médica do hospital. Ao mesmo tempo em que contribuem no direcionamento da dinâmica do trabalho educacional feito nesse ambiente, contribuem de forma expressiva para a consolidação de um ensino efetivo junto à comunidade e aos alunos internados.

promovido pela arte/educadora Cláudia Simas¹⁵, que tem se dedicado, junto à equipe médica, para um trabalho fecundo de experiências, de vivências sociais e culturais. É importante, nesse cenário, reconhecer que cada hospital possui uma organização e administração próprias. A organização do ensino das artes visuais na unidade SARAH – Brasília não se configura dentro do contexto da classe hospitalar, porém não desqualifica, de modo algum, a seriedade e o compromisso com uma educação ampla e efetiva. É por meio desses exemplos que se percebe a importância da ação de um arte/educador, do mesmo modo em que nos mostra as novas possibilidades que o artista e educador possuem ao transitar por esses “novos” espaços de se fazer educação.

É interessante perceber como esse processo tem se articulado no HUB. Mesmo não havendo a presença de um professor especializado na área de artes, a professora Adriana Arantes e sua equipe de auxiliares, têm oportunizado experiências significativas nas quais se percebe certos princípios do ensino das artes, tais como a produção de trabalhos artísticos vinculados com a realidade dos estudantes. A diversidade de culturas, bem como as diferenças de idades dos alunos não são barreiras intransponíveis, são, antes, fatores motivacionais para um trabalho intenso de experiências. Nesse contexto, crianças e adolescentes encontram a oportunidade de compartilhar valores culturais e sociais de suas comunidades, do mesmo modo em que enriquecem os seus conhecimentos aprendendo com a realidade dos outros colegas. Nessa configuração institucional não se quer dizer que não se faz necessário a presença de um arte/educador. Esse é um trabalho a ser realizado através de parcerias entre os vários atores da educação. A articulação de uma equipe multidisciplinar pode contribuir, ainda mais, para o trabalho que vem sendo realizado no HUB.

Nessa situação, considera-se ainda a presença e a mobilização dos próprios pais dos alunos no processo. Não podemos desconsiderar o papel que os familiares exercem sobre a vida dos alunos hospitalizados. Ao falarmos sobre os fatores motivacionais sociais, sobre os quais temos refletido, a atitude dos pais diante do trabalho dos professores no hospital preconiza uma ação positiva diante dos alunos. Assim, foi possível perceber e reconhecer, enquanto visitante do hospital, a importância de tais atores na ação educacional.

Ao propor atividades e conversas na classe hospitalar os familiares podem contribuir de forma significativa. Os pais têm a oportunidade de não só acompanhar os filhos no período

15. Doutora pelo PPG/ARTE, pela Universidade Federal de Brasília (UnB).

de internação, mas participar das atividades desenvolvidas pela classe hospitalar. Desse modo, estimula-se, também, a vontade do aluno em querer participar das atividades.

Nas visitas ao HUB, a presença dos familiares era notória. No mural das atividades eram expostos não só trabalhos feitos pelos alunos, mas também pelos parentes que ali se encontravam. Em uma dessas situações, uma mulher, mãe de uma das crianças hospitalizadas, tinha a experiência de produzir objetos de argila, relata a professora Adriana. Desse modo, ao articular estratégias educacionais, a professora da classe hospitalar propôs que essa mãe produzisse um desses objetos. O resultado dessa produção foi um belo vaso feito de argila. Muito mais que um simples objeto, sua produção constitui um fazer social e cultural. Por meio de tais estratégias pode-se alcançar um diálogo permeado de trocas culturais, no qual cada aluno pode pensar em produzir objetos feitos de argila, que, a propósito, como proposta didática, já vêm sendo desenvolvidos pelas professoras da classe hospitalar do Hospital Universitário.

Ao se pensar em estratégias educacionais deve-se presumir a inserção dos familiares dos alunos no processo. A presença dos pais e demais familiares pode incentivar uma troca fecunda de experiências. Dessa forma, a educação não é “estabelecida” somente para aqueles que se encontram no “período normal” de escolarização, mas para todos. Estamos todos integrados num processo de construção e reconstrução, nos quais criamos e recriamos o conhecimento.

No reconhecimento de que a criatividade encontra-se como uma potencialidade a ser desenvolvida, a educação em artes poderá partir desse princípio para o desenvolvimento das atividades. É evidente que os objetivos educacionais da disciplina de artes visuais estão vinculados ao fazer artístico, sobretudo no processo pelo qual o sujeito pensa e articula o seu trabalho. É o potencial da sensibilidade artística e criativa que objetiva-se desenvolver no aluno. Porém, pode-se reconhecer que a construção (criativa) do seu trabalho é um processo no qual estão envolvidas habilidades de cognição artística e logística. Segundo Fayga Ostrower (2010), os processos de criação estão vinculados com os fatores culturais e sociais. Dessa forma o indivíduo, que é por excelência um ser criativo, se baseia em seu contexto para criar, sendo conhecedor e descobridor dos meios pelo qual cria e apontando, em alguns casos, a finalidade da sua criação.

Trata-se, pois, de *possibilidades*, potencialidades do homem que se convertem em *necessidades existenciais*. O homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando (OSTROWER, 2010: 10).

Nesse sentido, o estímulo criativo deve se fazer presente no ambiente hospitalar. O aluno que se encontra no hospital deve se reconhecer como um ser criativo, pois, apesar das circunstâncias, mantém sua capacidade de criar e construir um conhecimento significativo. Nessa perspectiva, ele ainda se encontra em condição de inserir-se em um ambiente educacional de emancipação.

Exercícios de desenho livre, bem como a construção de composições nas quais estejam inseridos elementos do seu próprio cotidiano podem ser interessantes para que o aluno se situe em seu contexto e se posicione diante dele. Por exemplo, como reflexão de uma atividade proposta pelo professor de artes visuais no hospital, pode-se pedir ao aluno que encontre em revistas ou jornais, imagens específicas do seu cotidiano no hospital. Ele poderá encontrar o que a sua imaginação direcionar. Partiríamos daí para a construção de uma composição na qual manipularíamos as imagens, sobrepondo umas às outras, distorcendo o ângulo normal das imagens, colocando-as de cabeça para baixo, na vertical, na horizontal, de modo que os alunos se sintam livres em sua organização. Esse pode ser um exercício de resignificação da própria realidade. Na verdade, o aluno ainda se encontra naquele contexto (o que justifica o uso dos elementos visuais característicos do ambiente hospitalar), porém, aqui, ele tem a liberdade de resignificar criativamente a sua realidade, podendo, mais tarde, gerar a oportunidade de falar e refletir sobre a sua produção.

Compreendemos, na criação, que a ulterior finalidade de nosso fazer seja poder ampliar em nós a experiência de vitalidade. Criar não representa um relaxamento ou um esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer; e, em vez de substituir a realidade, é a realidade; é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. Somos, nós, a realidade nova. Daí o sentimento do essencial e necessário no criar, o sentimento de um crescimento interior, em que nos ampliamos em nossa abertura para a vida (OSTROWER, 2010: 28).

É na potencialidade criativa que se orientam as atividades a serem desenvolvidas. Nesse sentido é importante considerar a articulação do currículo escolar de artes visuais no hospital.

Mas o que fazer quando as atividades da disciplina de artes visuais não alcançam uma dimensão curricular, como é o caso do Hospital Universitário? É preciso pensar em um currículo que abranja a todos os alunos da classe hospitalar sem se preocupar com as diferentes faixas etárias? Sem dúvida essas perguntas alcançam respostas muito mais complexas do que podemos imaginar, porém estamos aqui para refletir sobre as diversas possibilidades e não apontar um único caminho viável para tais.

O ensino da arte no hospital deve considerar o sujeito e a realidade em que ele está inserido. Ao considerar as especificidades individuais obtém-se o conhecimento do aluno, bem como nos níveis de escolarização em que ele se encontra. Um fator importante a ser considerado é a oportunidade de estabelecer o diálogo com o aluno e com a sua família. Por meio do diálogo descobrimos interesses e anseios, partilhamos expectativas e experiências.

A educação começa pela tentativa de identificar as áreas e as formas de encontro com o outro. Muitas vezes é preferível gastar mais tempo e empreender esforços mais intensos para sentir e entender o processo de percepção do outro do que colocar à sua frente informações que jamais chegarão até ele por carecerem de sentido (SCHETTINI, 2010: 50).

A respeito desse contexto, é importante trazer à memória as contribuições deixadas por um dos maiores intelectuais brasileiros do século XX, Paulo Freire. Nas propostas educacionais de alfabetização de adultos, um fator a se considerar é o método dialógico, em que uma comunicação bem articulada promove, na perspectiva de Paulo Freire, a criticidade dos indivíduos, na qual o conhecimento do mundo e de si mesmo são firmados. Aqui, considera-se a bagagem de experiências do aluno, aquilo que ele sabe, e compartilha, podem ser instrumentos relevantes para a orientação do seu percurso de aprendizagem e desenvolvimento.

Os valores culturais dos alunos são pontes significativas para o acesso ao conhecimento. A partir deles o aluno pode se conscientizar da importância de continuar aprendendo, ao mesmo tempo em que se vê como partícipe da cultura da sua comunidade. Nas aulas de artes na classe hospitalar o aluno pode expressar artisticamente os valores da sua cultura, mediante os signos que lhe são característicos. Através desses movimentos, também, se faz conhecida a diversidade cultural presente no hospital. Na realidade específica do HUB, crianças e adolescentes de povos indígenas participam com frequência dos processos de hospitalização¹⁶.

Não podemos excluir dessa reflexão que nas atividades promovidas pela classe hospitalar do HUB não estejam em jogo os conhecimentos relacionados ao currículo educacional, pois, na verdade, eles se fazem presentes. O que estamos chamando de currículo escolar no hospital é aquele direcionado pela escola de origem do aluno, o qual muitas vezes não o acompanha, uma vez que o propósito da classe hospitalar é a continuidade de tais

16. A cultura indígena, nesse espaço (e não somente aqui), pode funcionar como um tema gerador da disciplina de artes, oportunizando a comunicação entre diferentes comunidades de diferentes culturas, gerando respeito e valorização da arte produzida por cada organização social.

percursos. Visto que a “realidade educacional” muitas vezes não “acompanha” o aluno, a articulação de estratégias educacionais se faz necessária mediante uma perspectiva multidisciplinar da educação.

Se cada aluno vem de uma realidade diferente, essa realidade, bem como a sua cultura específica, podem ser temas geradores para as atividades em artes. Sob esse cenário é conhecida a proposta teórica expressa por Flávia Maria Cunha Bastos: “*a arte/educação baseada na comunidade* utiliza a arte e a cultura locais como eixos geradores do currículo. Em suas inúmeras abordagens, *arte/educação baseada na comunidade* tem proposto formas concretas de lidar com as interrelações entre arte, escola e comunidade” (In BARBOSA, 2010: 235).

Na categoria de ensino especial, a classe hospitalar se caracteriza por reconhecer as particularidades do aluno em condição de hospitalização, podendo ser uma agente propulsora de desenvolvimento social e cultural. Os bons resultados da ação educativa no hospital são uma consequência de uma prática docente “apaixonada” e coerente com a realidade, de modo que concebe o aluno em seus múltiplos caminhos de desenvolvimento. Tal como o caminho que foi trilhado pelo garoto Ishaan, de 9 anos¹⁷. Conforme é compartilhado pelo filme indiano, em um processo consciente de se fazer a educação, o professor de artes percebe que a criança possui potencialidades que constituirão o seu desenvolvimento cognitivo. Com criatividade e uma “escuta sensível” os desafios educacionais passam a fazer parte não só do aluno, mas também do seu professor. É um processo no qual está envolvido o suprimento das necessidades coletivas e individuais.

Esse é um processo de continuidade. Um caminho de surpresas, onde a educação se volta para o real sentido da existência humana. Destaca-se, aqui, a frase do filósofo norte-americano John Dewey, sem exata referência, que de forma tímida, porém não desmerecida, se faz presente, impressa em um papel entrecortado, preso à parede da classe hospitalar do HUB: “A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.”

17. Revelado pelo filme indiano *Taare Zameen Par – Every child is special*, 2007, traduzido para o português com o título: *Como estrelas na terra*.

CONCLUSÃO: TERRENO FÉRTIL

No empreendimento de uma educação de emancipação, se fazem conhecidos contextos educacionais cada vez mais vinculados à realidade do aluno. O direito à educação tem sido garantido não só pelo Estado e pela família dos educandos, mas também pela comunidade a qual estes estão inseridos. É nessa articulação que se constitui uma ação educacional para a vida. Professores conscientes da sua função social podem assumir o papel de facilitadores do processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. O arte/educador, nesse sentido, é um agente que contribui para o desenvolvimento das potencialidades artísticas e criativas do indivíduo.

No ambiente hospitalar a realidade da educação pode acontecer de forma intensa e significativa, uma vez que estão em jogo não só o domínio dos valores sociais particulares, mas a diversidade de experiências sociais e culturais. O arte/educador pode usar de tais estratégias na classe hospitalar. Muito mais que a preocupação de um currículo escolar sistematizado, o educador em artes precisa voltar-se para os anseios e expectativas culturais, ou seja, estar atento para os valores culturais partilhados pela comunidade de origem dos alunos, uma vez que eles podem ser a porta de entrada de um ensino de qualidade.

O aluno em condição de hospitalização deseja ser ouvido. É preciso reconhecer que, na maioria das vezes, o atendimento à saúde pode significar um fator de segregação e exclusão das vontades próprias dos indivíduos. Em contextos característicos, a criança, ou adolescente, se veem sendo induzidos a procedimentos dolorosos que são contra a sua própria vontade, mas que, nós sabemos, são necessários. Sob a realidade do tratamento à saúde, o aluno não se vê no direito de escolha. Diferentemente, a ação educativa no hospital precisa proporcionar tais experiências. Na classe hospitalar o aluno pode ter a escolha de estar ali, ou não, pode escolher o que vai aprender e quais as melhores formas para que isso aconteça. Nessa perspectiva, o professor deve incentivar o aluno a participar das atividades escolares, respeitando, sempre, as circunstâncias de internação e as condições físicas e psicológicas do aluno. Essencialmente, a classe hospitalar considera o aluno em suas decisões, se preocupando em estabelecer a todo o momento o diálogo com ele, com sua família, e com a sua comunidade.

As artes visuais, nesse contexto, pode considerar o aluno a partir da sua experiência com a cultura, podendo se tornar objeto de desenvolvimento das atividades, promovendo a reflexão dos valores culturais, bem como promover a criatividade em tais processos, sendo a criatividade um motor o qual promove ações significativas na dimensão do humano.

É imprescindível o conhecimento que o professor precisa adquirir do seu espaço de atuação, bem como dos alunos que estão sob a “sua” responsabilidade. Nesse aspecto, o hospital, como um lugar de se fazer educação, sobretudo do arte/educador, conta com conhecimentos específicos dessa práxis, sendo o fator fundante de qualquer prática educativa que se almeja construir no ambiente hospitalar. Vale ressaltar que o conhecimento nessa área não se esgota, ele é reconstruído baseado em uma relação de reflexão entre teoria e prática. Logo, se faz necessário não só o “consumo” e a produção do conhecimento, mas a articulação do conhecimento na prática. Arte/educadores precisam reconhecer o hospital como um lugar de atuação.

Essa é uma perspectiva inicial, podendo potencializar trabalhos futuros sobre o tema. Espera-se uma ação efetiva dos arte/educadores nos hospitais. Sobretudo em hospitais comprometidos com a pesquisa e com a efetivação dos direitos dos cidadãos.

Esse é um caminho de descobertas. Esse é um caminho criativo. Ao abrir a porta da educação no ambiente hospitalar, uma nova visão se instala sob os processos de aprendizagem e desenvolvimento. Será comum ouvir relatos de experiências significativas que aconteceram no hospital, um ambiente em que as pessoas não foram tolhidas dos seus processos de criação, um lugar em que a semente pôde encontrar água e terreno fértil.

FOTOGRAFIAS



Dependências do Hospital SARAH – Brasília



O ensino das artes visuais nas dependências do Hospital SARAH-Brasília, sendo desenvolvido pela professora Cláudia Simas.



Hospital Universitário de Brasília – HUB



Vista externa da localização da classe hospitalar da Pediatria Clínica do HUB.



Dependência interna do Hospital Universitário: Pediatria Clínica



Dependências da Pediatria Clínica do HUB



Dependências da Pediatria Clínica do HUB



Um dos quartos da Pediatria Clínica do Hospital Universitário



Classe hospitalar da Pediatria Clínica do HUB



Classe hospitalar da Pediatria Clínica do HUB



As professoras auxiliares, Silvana e Leda, elaborando juntas objetos decorativos para as atividades educacionais e para a composição do ambiente da classe hospitalar.



Professora e aluno produzindo os convites das festividades que acontecem, com frequência, na classe hospitalar. As festas temáticas fazem parte dos projetos pedagógicos.



“Tudo que pode ver quer ser visto, tudo que pode ouvir, pede pra ser ouvido, tudo o que pode tocar, se apresenta para ser tocado” (ARENDR, 2002: 24). Citado por Luiz Schettini Filho (2010), em *a Pedagogia da Ternura*.

REFERÊNCIAS

AROSA, Armando C. ; SCHILKE, Ana Lúcia (Org.). *Quando a escola é no hospital*. Niterói: Intertexto, 2008.

ATTA – Mídia e Educação. *Filósofos e a Educação: Foucault*. [Documentário]. São Paulo, 2009. DVD, 53 min.

BARBOSA, Ana Mae (Org). *Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais*. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. *Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações*. Brasília, DF, 2002.

CARRARA, Kester (Org). *Introdução à psicologia da educação: seis abordagens*. São Paulo: Avercamp, 2004.

FERREIRA, Aurora. *Arte, Escola e Inclusão: Atividades artísticas para trabalhar com diferentes grupos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FONSECA, Eneida Simões da. *Atendimento escolar no ambiente hospitalar*. 2. Ed. São Paulo: Memnon, 2008.

FREIRE. Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 14. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

IABELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KHAN, Aamir. *Taare Zameen Par: Every child is special*. [Filme]. Produção de Aamir Khan, direção de Aamir Khan e Amole Gupte. Índia, 2007. DVD, 140 min.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. Ed. Rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 25. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

READ, Herbert. *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHETTINI FILHO, Luiz. *Pedagogia da Ternura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SIMAS, Cláudia Gunzburguer. *Arte e Reabilitação: Fazendo brotar emoção com ajuda de aparato digital*. 2012. 168 f. Tese (Doutorado em Arte e Tecnologia) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, 2012. PDF.

VIRGOLIM, Angela M. R. (Org). *Talento criativo: expressão em múltiplos contextos*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2007.